

**NOITE DE AREPAS: UMA ANÁLISE METODOLÓGICA DO
PROCESSO CRIATIVO AUTORAL, UM AUDIODRAMA,
REALIZADO COM JENNIFER ESPITIA, IMIGRANTE
VENEZUELANA, REFUGIADA NO SUL DO BRASIL DURANTE UM
LOCKDOWN**

***NIGHT OF AREPAS: A METHODOLOGICAL ANALYSIS OF THE
AUTHORIAL CREATIVE PROCESS, AN AUDIODRAMA, MADE
WITH JENNIFER ESPITIA, A VENEZUELAN IMMIGRANT WHO
WAS A REFUGEE IN SOUTHERN BRAZIL DURING A LOCKDOWN***

**Gabriel Fontoura Motta
Suzi Frankl Sperber
UNICAMP**

Resumo: Este trabalho pretende analisar a metodologia de criação artística pedagógica de uma dramaturgia autoral, um audiodrama realizado com imigrantes refugiados venezuelanos no Sul do Brasil durante a chegada da pandemia de covid-19. Utiliza-se, para avaliação, as perspectivas de criação do “Teatro da Crueldade” (Antonin Artaud - 1886 - 1948), pois, acreditamos que a expressão do “Teatro e seu Duplo” (1938) busca liberar as energias reprimidas e abrir caminho para uma nova consciência coletiva. Assim, indo ao encontro do que é perdido do ritual, pelo avanço do neoliberalismo. Em nosso processo criativo, a mediação do teatro online é chamada de sensibilidade pedagógica. Neste trabalho, será abordado como tema artístico o conteúdo da narrativa de Jennifer Espitia (36), protagonista do terceiro episódio da série Voz para Cumana, chamado de “Noite de Arepas”.

Palavras-Chave

Audiodrama; Dramaturgia; Migrações Venezuelanas; Sensibilidade Pedagógica; Teatro Online.

Abstract: *This paper intends to analyze the artistic pedagogical creation methodology of an authorial dramaturgy, an audiodrama performed with Venezuelan refugee immigrants in the South of Brazil during the arrival of the covid-19 pandemic. We use, for evaluation, the creation perspectives of the "Theater of Cruelty" (Antonin Artaud - 1886 - 1948), because we believe that the expression of the "Theater and its Double" (1938) seeks to liberate the repressed energies and open the way to a new collective consciousness. Thus, going against what is lost from the ritual, by the advance of neoliberalism. In our creative process, the mediation of online theater is called pedagogical sensibility. In this paper, the content of the narrative of Jennifer Espitia (36), the protagonist of the third episode of the series Voice for Cumana, called "Night of Arepas", will be addressed as an artistic theme.*

De acordo com as pesquisas realizadas na obra "Migrações Venezuelanas" (BAENINGER, 2018), foi identificado um movimento migratório crescente do povo venezuelano para o Brasil, que persiste há mais de duas décadas. No entanto, na época de publicação do referido trabalho, uma crise surgiu na fronteira entre o Brasil e a Venezuela, iniciando na cidade de Pacaraima, em Roraima, e percorrendo uma distância de 200 quilômetros até chegar a Boa Vista, ainda no Norte do Estado. Esse percurso foi marcado pela partida carregada de medo e pela resiliência daqueles que caminhavam a pé, em busca de uma nova vida.

Com o objetivo de compreender o que estava ocorrendo na cidade de Porto Alegre e na região metropolitana do Rio Grande do Sul, locais onde as operações de acolhimento do Acnur auxiliavam os imigrantes venezuelanos, desenvolvi um projeto voluntário para ensinar teatro com português, utilizando conteúdos que já abordavam questões práticas para os imigrantes. Com o apoio do material "Pode Entrar¹", da rede Acnur, criei o curso "Português na Prática" - aulas que combinavam teatro e língua portuguesa para imigrantes e refugiados que frequentavam a instituição Avesol (Associação do Voluntariado e da Solidariedade). Essa organização não governamental acolheu nossa pesquisa, que se transformou em uma série de audiodrama. Com a chegada da pandemia, nossas aulas voluntárias de teatro e português migraram para a plataforma *Google Meet*. Foi lá que conhecemos Carlos, Jennifer e Pedro, alunos não atores, imigrantes refugiados venezuelanos que participaram de nosso curso. Portanto, "Voz para Cumaná" é um audiodrama que nasceu da escrita dramática para dar voz ao testemunho de nosso convívio. Apresentamos uma mãe solteira, Jennifer Espitia, imigrante venezuelana que atravessou o Brasil com sua família para estabelecer vínculo na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Atualmente morando em Brasília - DF, Jennifer relatou, ao longo do episódio, momentos de sua vida alinhados a uma narrativa ficcional. A história centra-se em um dia de Natal venezuelano. Convidados chegam nesta noite de festa e alguns acontecimentos dialogam com a interpretação do levantamento de dados dos estudos do *Atlas Temático: Observatório das Migrações em São Paulo – Migrações Venezuelanas* (2020).

As violências cotidianas e a luta de classes evidenciam a invisibilidade da xenofobia, do machismo, do racismo e da aporofobia. Antonin Artaud no "Teatro e seu Duplo" (1938) investe os sentidos da crueldade como a racionalidade do homem de encontro ao mundo. O "Manifesto da Crueldade" carrega, no "Teatro da Peste", uma oportunidade de transformar. Uma possibilidade de trazer oportunidade para a mudança. É na tentativa de mudar o teatro que se muda a forma de ver o mundo e, assim, se muda a forma de ver o humano. Compartilhar processos individuais para reorganizar um novo sentido. São vozes venezuelanas. O som, diferentemente da imagem, invade o espaço. Não temos pálpebras nos ouvidos, ou seja, precisamos escutar.

O processo migratório da Venezuela (atualmente o segundo país com maior índice de evasão)² para o Brasil é compartilhado por esses três imigrantes, que, por meio de depoimentos, criaram essa experiência. "Conhecendo-se o outro, este deixa de ser o estranho, o estrangeiro, tornando-o um residente como qualquer outra pessoa." (Von Zuben et al., 2018, p. 103) Operamos através do convívio. No tecnovívio³ (vivência *on-line* no mundo digital), a partir de 2020, experimentamos a possibilidade de fazer arte através de um aplicativo de vídeo chamadas, *Google Meet*. Conhecendo os espaços entre processos etnográficos que caminham desde os assentamentos⁴ do ACNUR, em Canoas (RS) até uma noite de Natal

¹ Mais informações disponíveis em Disponível em https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Pode_Entrar_ACNUR-2015.pdf

² Fonte oficial de levantamento de dados na rede Acnur (2021), mais informações disponíveis da abordagem em <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/venezuela-e-o-segundo-pais-com-maior-numero-de-deslocados-e-refugiados-no-mundo/>

³ Vivência mediada pela tecnologia, conforme autoria do conceito do pesquisador argentino Jorge Dubatti (UBA). Mais informações disponíveis em <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/609>

⁴ A Operação Acolhida é uma grande força-tarefa humanitária executada e coordenada pelo Governo Federal com o apoio do **Letras em Revista** (ISSN 2318-1788), Teresina, v. 15, n. 02, ago/dez. 2024

na casa de Jennifer. Visitando os dados dos arquivos de aula, percebemos, no endereço dos alunos, que a maioria comprova o fluxo elevado de chegada nas cidades de Porto Alegre e Canoas em comparação ao início dos anos 2000 (Baeninger, 2020, p. 395). Estes dados são visualizados através das histórias que conhecemos fazendo teatro, brincando, jogando e criando.

O episódio apresenta uma casa venezuelana, em um Natal tipicamente venezuelano, com uma família venezuelana recebendo seus convidados: um professor, um padre e uma estagiária. Passado, presente e futuro são mastigados, bebidos e fumados com arepas, prato de massa de pão feito com milho, típico das culinárias populares e tradicionais da Venezuela, Colômbia e Panamá. “Voz para Cumaná” é um audiodrama produzido para o edital emergencial de apoio à cultura FAC DIGITAL RS, em parceria com a Universidade Feevale, e foi realizado totalmente à distância, cumprindo as recomendações oficiais da OMS para o combate a pandemia de Covid-19.



- figura 1: “Noite de Arepas”: terceiro episódio da série de audiodrama “Voz para Cumaná”
 - Fonte: Código gerado pelo site <http://www.qr-code-generator.com/>

I

Escrever dramaturgia a partir do experimento entre a autoficção em cocriação com a temática migratória atravessa uma perspectiva de reconstituir a forma como as pessoas escutam as histórias. Narrativas polarizadas tal como a política nacional brasileira e a política venezuelana. Compreender a onda migratória venezuelana que adentrou o Brasil de 2018 até os dias atuais trouxe no entendimento que a narrativa dos imigrantes e refugiados surgia também polarizada. Compreendemos que o fenômeno da recepção migratória cria, no entorno das pessoas que saíram da Venezuela para buscarem abrigo, no Brasil, um olhar homogêneo, *standard*, em uma única versão do outro, do estrangeiro como “ente venezuelano”.

Em tempos de redes sociais e polarização, o ente “venezuelanos”, toma corpo e é usado como argumento em debates rasos onde o sujeito venezuelano refugiado está oculto. Esse fenômeno, gerador de preconceito, ofusca o processo de acolhimento dessas pessoas, visto que, a opinião pública, forte como é, tem dificuldade de enxergar os seres humanos que estão vivendo a experiência migratória." (MAX, CHICO. 2018, p.13)

É tentando compartilhar uma história com outras perspectivas que encontramos no trabalho de Artaud, um pensamento que nos ensina a repensar o entendimento de discursos autoritários. Atualmente, o governo de um país que exporta 97% de seu petróleo⁵, sofre uma retaliação muito forte de países que não concordam com a política socialista do governo bolivarianista de Nicolás Maduro e a corrente do

ACNUR, de outras agências da ONU e de mais de 100 entidades da sociedade civil organizada”. (N/A) Mais informações disponíveis na fonte oficial: <https://www.acnur.org/portugues/temas-especificos/interiorizacao/>

⁵ Informações a partir da opinião do veículo de comunicação em “Como era a 'Venezuela saudita', um dos países mais ricos dos anos 50 e 80.” Disponível <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47423737>

pensamento comunista atrelado à política cubana. Por outro lado, um país que, até os anos 1970, era o país sul-americano com maior poder de compra, inclusive 3 vezes superior ao poder de compra do brasileiro, hoje, passa fome. Neste trabalho, os temas abordados, tais como Migração Venezuelana, Dramaturgia, Educação e Audiodrama, serão enfatizados, tanto com o nosso trabalho, mas com outros exemplos também. Conforme dados apresentados na obra em formato de cinema documentário “*Adelante*” - A Luta Das Venezuelanas Refugiadas No Brasil” (Trindade, 2022), o argumento entre a manutenção de um regime que acredita na igualdade de classes e o trágico momento atual de uma população desamparada encontram nas vozes de mulheres venezuelanas medo e resiliência.

Hospedadas no abrigo PARES Cáritas, que atendeu mais de 100 imigrantes venezuelanas desde julho de 2018 na cidade do Rio de Janeiro - RJ, essas mulheres apresentam informações que ratificam os sentidos que encontramos na fala das pessoas que continuaram sua caminhada até o Sul do Brasil. Escutamos sobre a pior crise da história da Venezuela. Uma crise econômica com racionamentos, serviços precários e falta de alimentos, fazendo com que um quilo de queijo custe 290 mil bolívares venezuelanos, o que equivale a 96,7% do salário-mínimo. O salário-mínimo venezuelano, de 300 mil bolívares, retificado desde outubro de 2019, equivale a R\$75,00. Falta alimento nas prateleiras, os preços elevados dos produtos não condizem com o salário das pessoas. Na obra trazida como referência nesta escrita, e publicada pela *Globo Play*, escutamos mulheres que se denominam *echa pa'lante* (para frente). Para frente, como a força de caminharem mais de 214 km de Pacaraima até Boa Vista, com filhos, encarando todos os males de um trajeto atrás de estabilidade.

Desde o início do nosso curso, conhecemos casas, famílias e pessoas. Pessoas que atravessaram Pacaraima e Boa Vista até chegarem ao Sul do Brasil. Pessoas fragilizadas por circunstâncias muito duras; nesse sentido, cruéis. Em nossa última aula (sem sabermos que seria a última aula) em 07 de março de 2020, trabalhamos o alfabeto e os números da língua portuguesa em um primeiro momento. Após o intervalo, experimentamos o jogo teatral “Caminhada no Espaço” (Spolin, 1975, p. 41) para conhecermos nossos corpos e por onde nós andávamos pela sala. Em um período entre guerras, o dramaturgo francês Antonin Artaud manifesta um ideal em meio a um mundo doente. Foi um manifesto entendendo a peste como um caminho para expurgar o que entendemos como os males de um mundo conduzido pelos homens. Mas, para Artaud é relevante aproveitar a virulência de uma peste como força criativa e criadora. “Antes de mais nada, importa admitir que, como a peste, o jogo teatral seja um delírio e que seja comunicativo” (Artaud, 2006, p.25). Artaud propôs o “Teatro da Peste” como uma abordagem teatral que confrontava os espectadores com a crueldade e a brutalidade da vida, explorando o lado sombrio e caótico da existência humana. Ele acreditava que o teatro deveria ser uma experiência visceral, capaz de despertar emoções intensas e romper com as convenções estabelecidas. Diferente de nosso trabalho, em que o afeto expande o lado emocional em audios de *WhatsApp* de até dez minutos. A doença vinda da covid-10 revelou a fragilidade da condição humana, mostrando como estamos sujeitos a forças além do nosso controle. O medo, a incerteza e o sofrimento experimentados durante a pandemia ecoam as ideias de Artaud sobre a crueldade e a violência inerentes à existência. Para comunicarmos o conhecimento de narrativas urgentes para serem ouvidas, mapeamos nossas pegadas. “Organizar nossas ações” (DANAN, 2010) para que o cartógrafo enxergue uma narrativa. Visualize uma história costurada a acontecimentos evidenciados por dados.

⁶ “*Adelante* é um convite para mergulhar nas histórias de mulheres venezuelanas refugiadas que percorreram 214 quilômetros para abandonar a fome, o machismo e os confrontos políticos.” Disponível para acesso em <https://globoplay.globo.com/adelante-a-luta-das-venezuelanas-refugiadas-no-brasil/t/6BrrY151RQ/>

Se quisermos admitir agora a imagem espiritual da peste, consideraremos os humores perturbados do pestífero como sendo a face solidificada e material de um distúrbio que, em outros planos, equivale aos conflitos, às lutas, aos cataclismos e *débâcles* que os acontecimentos nos trazem. E, assim como não é impossível que o desespero inútil e os gritos de um alienado num asilo causem a peste, por uma espécie de reversibilidade de sentimentos e de imagens, do modo pode-se admitir que os acontecimentos exteriores, os conflitos políticos, os cataclismos naturais, a ordem da revolução e a desordem da guerra, ao passarem para o plano do teatro, se descarreguem na sensibilidade de quem os observa com a força de uma epidemia (Artaud, 2006, p.22).

É através da tentativa de compreender os efeitos da crise venezuelana que Jennifer apresenta uma leitura das oportunidades de trabalho que são concedidas às pessoas chegadas, mas não pelo processo de interiorização. Jennifer viajou de avião com sua família, escolheu o Rio Grande do Sul por pesquisa prévia. Mas relata, em nossa obra, um entendimento de como funcionam sistemas de comércio que oportunizam acesso a pessoas migrantes.

⁷Jennifer: “Harina Pan”: esse é o nome. A gente compra a farinha pan por 23 pilas⁸. É esse valor que nos fazem, esse valor que eu encontro aqui. No Uruguai é muito mais barato. Essa vem de São Paulo, mas tu vai ver: tem no mercado livre também. É assim, não tem como eu encontrar mais barato. Eu não consigo entender como cobram esse preço da gente, gente da gente, sabe?

O território que Jennifer habita hoje não é de seu país natal; então, ela relata o espanto de compreender processos lucrativos dentro do mundo comercial que, possivelmente, não teria visto se não tivesse participado desta experiência migratória tal como ela estava acontecendo. Até porque, até revalidar os seus diplomas (situação muito relatada entre os alunos) qualquer trabalho é bem-vindo. As mudanças e flutuações da economia do país que também possui praias paradisíacas, como *Cayo D'Água*, manifesta, em nossa atriz, o pensamento trazido na abordagem do jornalista Diego Bardo para a BBC News Mundo, em março de 2019.

Esse cenário faz com que a atual crise venezuelana não seja só dramática por causa da hiperinflação, pobreza e escassez de alimentos e remédios - problemas ocorridos nos últimos anos, sob o governo de Nicolás Maduro. Ela também é dramática porque os venezuelanos estavam acostumados a viver com certo conforto. No país, algumas pessoas costumam dizer que “éramos felizes e não sabíamos”. Outra piada da época era a seguinte: “Isso está barato, então me dê dois”.

Independente de se apoiavam, ou não, o atual governo de Nicolás Maduro, o grupo de amizade que se formava em nossa turma de aula e, a posteriori, no grupo de trabalho para o audiodrama, tinha memórias. Algumas memórias muito positivas, do governo de Hugo Chávez, e outras bastante nocivas, dando espaço ao medo até chegar à resiliência em um novo território. Entendemos que a leitura dos números compartilhados pelo RMN (Registro Nacional Migratório) dentro do período (2000-2019) ratifica um aumento abissal do acolhimento de pessoas vindas da Venezuela, principalmente nos anos de 2018 e 2019, para as mesmas cidades que acolheram o nosso quórum de alunos (Baeninger, 2020, p. 252). Em nosso curso, alunos dispostos a fazer teatro para aprender um novo idioma. Dispostos porque precisaram deixar seu país, sua terra, sua gente: sua língua. Precisaram chegar e precisam sobreviver à

⁷ Fragmento da obra “Voz para Cumaná” disponível para acesso online no Spotify ou no Youtube. Escuta disponível também em <https://www.youtube.com/watch?v=T1OGSyGjhmo>

⁸ Forma coloquial e tradicionalista de referir-se ao dinheiro brasileiro no Rio Grande do Sul. (N/A)

migração e a uma doença que o mundo jamais tinha visto. Iniciamos as aulas em 2019, criamos o audiodrama em 2020 e, agora, nos conectamos para compartilhar com o mundo o que aconteceu.

⁹Jeniffer: Em Anta Gorda (RS) foi muito difícil. Eu sou mãe solteira, assim como tua mãe, né professor? Eu cheguei com meu irmão (Um médico) e o Santi (Santiago). Eles achavam que o meu irmão era meu marido. Quando eles sabiam que eu era mãe solteira, viravam a cara. Eu fiquei um ano em Anta Gorda e não consegui nenhum emprego. Nenhum emprego. Ninguém me deu uma oportunidade porque o meu cabelo era de vagabunda. O meu corpo era de vagabunda. O minha vida era de vagabunda. O meu cheiro era de vagabunda. As minhas atitudes eram de vagabunda. O meu filho era filho de vagabunda. Ele ficou lá, não deu o nome pro Santi. Assim como tu, né? Tu tem o nome do teu pai no teu nome? Tu também não tem o nome do teu pai no teu nome? Tu também é filho de mãe solteira. Na escola do Santi perguntavam onde tava o pai dele. O Santi, eu não sei porquê, mas tu acredita que o Santi inventou que ele morava na França? Dá onde ele tirou isso: França! Eu não consigo entender porque ele não falava a verdade. Falar que não tem pai, qual o problema? Mas não, ele falou da França, e as mães dos alunos vinham me perguntar do pai, e eu tinha que explicar.

Cidade pequena, todo mundo se conhece. Quando a gente chega, todo mundo sabe que a gente não é dali. Quando a gente fala, todo mundo sabe que a gente não é dali. Quando a gente anda na rua, todo mundo sabe que a gente não é dali.

As ofertas de trabalho e oportunidades financeiras para o encaminhamento das demandas que chegavam pelo processo de interiorização da ONU evidenciam que privatizações vieram para “afagar”, momentaneamente, uma oportunidade de trabalho para imigrantes. Conforme a nossa série, o aeroporto Internacional Salgado Filho passou pela sua venda, o que afetou a vida de um dos familiares presentes no relato. “Diferentes línguas, costumes, comportamentos e legislações permitem que o imigrante seja facilmente exposto a condições que o tornam vítima ideal para exploração.” (Von Zuben et al., 2018, p. 102)

¹⁰Áudio Maria

Também me chamaram a atenção duas irmãs. Elas tinham 35 e 40 anos; elas estavam com o marido, também, e dois filhos. O marido disse que tinha um cargo administrativo no governo venezuelano, burocrata. Elas eram professoras do ensino fundamental e aí ele me disse que com oito anos de carreira, quando ele chegou aqui, ele pegou o primeiro emprego de manutenção de limpeza, limpando o chão do aeroporto Salgado Filho. Mas que agora ele estava desempregado, pois as obras da empresa alemã, que comprou o aeroporto, acabaram. Eles chegaram uns 40 minutos atrasados na aula; eu não falei nada. No final da aula, depois que a gente conversou, eles me contaram o porquê haviam se atrasado. Foi porque eles vieram a pé, da casa deles, até a aula. Eles moram no bairro Mathias Velho, em Canoas/RS, e caminharam 3 horas até o bairro Floresta, em Porto Alegre/RS. Se atrasando somente 40 minutos. Eles também me falaram que conseguiram uma bolsa para um dos filhos, na escola La Salle, e que a melhor época da Venezuela foi em 2003, quando o Chávez assumiu o poder. Os tempos eram de esperança [...] As irmãs me informaram que com 20 anos de experiência em escola, nenhuma creche ou colégio aceita ela. Elas me relataram que

⁹ Fragmento da obra “Voz para Cumaná” disponível para acesso online no Spotify ou no Youtube.

¹⁰ Registro inserido, a partir de entrevista confidencial, realizada com outra aluna da turma. Aqui, chamaremos a aluna de Maria, ela não faz parte da obra Voz para Cumaná, mas nos acolheu em sua casa abrindo as experiências que atravessava em setembro de 2019.

tentaram ser empacotadoras de uma grande rede de supermercados, mas que, segundo elas, não entrariam no padrão estético desta rede. Elas se autodeclararam morenas *oscura*.

II

O contexto em que o diretor francês, Antonin Artaud, manifesta uma nova possibilidade de teatro, está imerso em movimentos artísticos que também visualizaram a necessidade de olhar para outras perspectivas. O abismo social vivenciado pelas grandes crises está no cerne da urgência de escutarmos outras vozes. O teatro precisa dialogar com o que está acontecendo. Se encontramos que o maior ano de migração internacional interna (BAENINGER, 2020, p.08) de venezuelanos para o Sul do Brasil deu-se no mesmo ano da criação do nosso curso, “Português na Prática”, a adesão à proposta acontece pela vontade, pela necessidade, pela vontade de cocriarmos novas histórias, em um novo território. O conceito pulsão de ficção¹¹ tem a criação concebida pela Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber, orientadora desta pesquisa e coautora do presente artigo, que carrega elementos que levam a composição da escrita à criação. Eu, Suzi, coautora, esclareço. A pulsão de ficção é impulso. Trata-se de impulso universal, potencialmente presente em todos os seres humanos. A fim de buscar a compreensão do vivido, de forma inata, o ser apresenta esse impulso expresso pela manifestação e emprego do imaginário e da simbolização, efabulando, a saber, contando algo como uma história. A pulsão de ficção é o diferencial entre os humanos e os não humanos. É a necessidade imperiosa de contar [de expressar] para atribuir um sentido ao vivido, corrigi-lo, tentar entendê-lo. Ao fazer isto, através de recursos que são mais do que a palavra, pois que incluem gestos, expressões faciais, movimentos, uso de recursos como linhas, cores, formas no espaço ou na superfície plana, a pulsão de ficção cria imagens, usa símbolos que remetem a um passado pré-histórico e histórico.

O imaginário cria um contexto de ação, personagem, relações, projeções do vivido. Projeta o evento historicizável (diacrônico) para fora de si, em um constructo a rigor ficcional (e neste momento sincrônico). Essa ficção se estrutura de acordo com certas funções e requer uma série de instrumentos que ultrapassam o que se tem convencionalizado como discurso. Vai além da palavra (oralidade), de certa forma corporificada, e do corpo, do qual emana uma qualidade do sentir, uma energia, que se manifesta independente ou para além do movimento, isto é, da gestualidade. (Sperber, 2009, p. 06)

Tudo acontece em um momento em que o próprio Brasil se envolveu politicamente, impulsionado por preconceito e desqualificação da alteridade, como se constata nas famosas imagens¹² do ano de 2018, onde uma série de atos de violências físicas, verbais e morais são cometidos contra os imigrantes na região do norte do Brasil, Boa Vista e Pacaraima, em Roraima. Entretanto, conforme a migração no Sul do Brasil, o preconceito pode alterar a marca do supermercado¹³, a piada e a oportunidade. Mas não *cambia*¹⁴ o destino do discurso.

¹¹ Mais informações com relação ao conceito de Pulsão de Ficção, criado pela Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber estão no artigo publicado sobre o 2º episódio da série "Wake Up ou como acordar para o amanhã" disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/manzua/article/view/28117>. Acesso em: 2 jan. 2023.

¹² Imagens disponíveis em vídeos da cobertura do acontecimento <https://www.youtube.com/watch?v=pnkzzSrOT2A>

¹³ Relação com o relato da personagem fictícia, deste artigo, Maria, lido nas laudas anteriores onde sofreu xenofobia e racismo tentando conseguir um emprego em um supermercado.

¹⁴ Cambiar: trocar, alterar, na língua espanhola. Referência a fala da personagem fictícia “Maria”, entrevistada pela pesquisa, mas não presente na obra *Voz para Cumaná*. Maria, como pode ser lido nas páginas anteriores, relata a xenofobia vivenciada em uma rede de supermercados, no Sul do Brasil.

¹⁵Uma família: (Sorri)

O marido da irmã: Conta pra ele do trabalho.

A irmã: Sim, conta do trabalho... (risadas, muitas)

Jeniffer: É que, professor, eu trabalho numa distribuidora de brinquedos eróticos para motel.

(Foco cena 2)

Um padre, junto a Uma estagiária conversam bebendo cerveja e fumando um cigarro cada, sem serem ouvidos com Um médico e O namorado.

(Foco cena 1)

A irmã: É por isso que tu não vai arrumar marido! (risadas)

O marido da irmã: (Risadas)

Jeniffer: (Risadas)

Jeniffer: É que os motéis procuram a gente porque eles precisam de shampoo, condicionador, toalhas, papel higiênico... São kits, sabe? Todo o “menu” do motel, a gente que faz. A gente trabalha com motéis da região metropolitana: Canoas, Esteio, Sapucaia, São Leopoldo e Novo Hamburgo. Todos que passam o trem (risadas). Então, os brinquedos a gente também vende. A gente, na verdade, compra de uma única empresa que é nacional e vende para os motéis. É mais fácil, eles precisam de várias coisas, e nós montamos os kits. A empresa que eu trabalho (tipo uma revendedora), ela compra da empresa grande e vai vendendo. Eu ligo, vou nos motéis e negocio com os clientes – donos do motel, tá? (risadas)

O marido da irmã: (Risadas)

A irmã: (Risadas)

Uma família: (Risadas)

A irmã: Tu lembra quando a gente foi juntas? Acharam certamente que nós éramos um casal de lesbianas! (risadas)

O marido da irmã: Escuta essa, professor. (risadas)

A irmã: (Risadas)

A irmã: Ela entrou no motel e estacionou o carro na frente de um outro carro que estava em um apartamento. (risadas)

Uma família: (Risadas)

O marido da irmã: (Risadas)

Jeniffer: (Risadas)

Jeniffer: E eu não vi, tá?

A irmã: Como não viu? O casal teve que sair do apartamento, bater na secretaria para pedir para tirarmos o carro. Saíram dois carros do motel com quatro pessoas - imagina o que não pensaram?

Uma família: (Risadas)

Jeniffer: Ah, mas qual o problema? Deixa eu te contar o mais importante. A questão são as prostitutas. Elas que dão dinheiro! Mira como funciona: cada prostituta tem seus clientes, certo? Então elas vão ao motel e levam os clientes para lá, os clientes gastam e querem agradar elas. Com isso, elas pedem vibradores, cremes, géis, condicionadores, toalhas brancas e tudo do mais caro. O motel ganha com isso, elas ganham com isso, porque também têm parceria com o motel.

(Interrupção)

Um estrangeiro: Seria como os motoristas de ônibus ou van que possuem parcerias com os restaurantes? Por exemplo, um ônibus que sai de Madrid com destino a Lisboa, mas para em Mérida. Por que ele para em Mérida? Porque só tem um restaurante lá e certamente ele deve ganhar dinheiro ou alimentação como auxílio, certo?

O marido da irmã: Talvez?

¹⁵ Inserção de fragmento sonoro, disponível na obra online, Noite de Arepas, onde Jennifer relata a interação dela, de certa forma inocente, com um novo cotidiano, em uma nova cidade de um outro país.

Jeniffer: Talvez.

Jeniffer: Mas a gente ganha com isso também porque a gente acaba tendo parceria com os donos dos motéis e com algumas garotas de programa que temos mais confiança. Com isso, os kits que a gente quer vender mais para os motéis, a gente pede para que elas peçam isso para os clientes. Daí os clientes pedem para os motéis e, com isso, os motéis nos pedem mais. Se a gente quer lançar um novo vibrador no mercado de motéis, é a partir das nossas parceiras que a gente vende.

Quando Jennifer relata as possibilidades de serviço no Brasil, começamos a tentar traduzir este “Ente Venezuelano” como grupo. Como vivência cultural. Com manias, histórias, signos, piadas, lendas. Como cultura. Tanto no Brasil, como na Venezuela. Entender o fluxo do dinheiro, o fluxo de como tentamos ascender economicamente, são exemplos trazidos na fala da família venezuelana, que tenta ascender, ou recolocar-se em um novo território, em transcrição com o grupo. Revela que a indústria do sexo é lucrativa porque enganadora e enganável. O resultado está nestes diálogos que exemplificam formas de ganho com a narrativa ficcional da vivência de cada personagem em meio à vida real. Afetos, encontros, risadas e medos caminham nas mesmas pegadas que o entendimento da vida. Florescer os bens econômicos, culturais, sociais, afetivos. Ascender socialmente. Manter-se em um nível estável. Conviver com outras perspectivas que não os abrigos, por exemplo, destinados aos seus compatriotas, na época em que produzimos estes encontros. Aproximamos o teatro em meio à transição de vida em um novo território. Sujeitos que tiveram coragem de romper com os vínculos e reconstruíram uma história após 20, 30, 40 anos ou mais, de vivência em seu país de origem. Esta coragem é prática, brincada e levada muito a sério em aulas de teatro. Essa mediação entre o que aconteceu, o que vai para a cena e como eu me desapego destas cicatrizes encontra-se na transformação que a sensibilidade pedagógica opera.

O ator é como um verdadeiro atleta físico, mas com a ressalva surpreendente de que ao organismo do atleta corresponde um organismo afetivo análogo, e que é paralelo ao outro, que é como o duplo do outro embora não aja no mesmo plano. O ator é como um atleta do coração (Artaud, 2026, p. 151).

E é neste fluxo que o detonador da criação flutua, se move, acontece como no símbolo de infinito visto nos Elementos Estruturais da Dança em Laban, por exemplo. Este corpo expressivo, que existe a partir de um todo, ou seja, da voz, dos braços do tronco, do pescoço do olhar. Este olhar ora dissociado que enxerga a conexão da intuição no gesto, da ação, percepção, imaginação, emoção, sentidos e linguagens caminhando juntas. A apropriação poética nos processos de criação em audiodrama trouxeram um olhar amplo para minha pesquisa em Transcrição de Haroldo de Campos. Se, “toda criação é crítica”, para Campos, relaciono a co criação subjetiva entre o grupo de alunos. Os corpos críticos trouxeram em uma *playlist* simbiótica a carga expressiva singular e autoral. *Playlist* que embalava o alongamento, o aquecimento e a improvisação em aula de teatro e português online. Trazendo olhares para Meredith Monk, Björk, Nova Lima ou Anitta. Tudo está conectado. Essa interação sistêmica transita de nossa idiosincrasia também no digital. Pensamos em um teatro para pessoas de verdade, assim como o “pestilento” teatro da crueldade é feito por pessoas de carne e osso. É cabal a necessidade de interesse em outras narrativas, principalmente das que saem da nossa bolha social de pesquisa e afeto. "Sendo assim, nem sempre o que está em jogo é a xenofobia, mas sim a aporofobia" (Sarmiento et al., 2018, p. 247). A relação aporofóbica é evidente no desenvolver da narrativa de Jennifer, oriunda de uma camada social diferente da personagem ficcional deste trabalho, Maria, por exemplo. Maria caminha os 200 quilômetros de Pacaraima, até Boa Vista. Jennifer chega de avião. Assim, conseguimos começar a tentar compreender a vivência dos encontros presenciais que, durante o processo dramaturgico, se evidencia em alguns personagens que carregam, desde seu território de origem, a competição natural do mundo capitalista.

Conexões e metáforas relacionadas, por exemplo, a profissões, como estamos vendo nos fragmentos do audiodrama ao longo deste texto, assim, caminhamos pensando exatamente no porquê Artaud acredita que o teatro precisa ser pensado para um mundo cada vez mais contra o avanço nocivo do que hoje enxergamos como o neoliberalismo destruindo pessoas, países e o planeta.

Isso significa que no teatro, mais do que em qualquer outro lugar, é do mundo afetivo que o ator deve tomar consciência, mas atribuindo a esse mundo virtudes que não são as de uma imagem, e que comportam um sentimento material. (Artaud, 2006, p. 151)

Entendemos que teatro, um professor online e uma troca a partir da aprendizagem de novos idiomas pode funcionar. Pode trazer carinho. Pode trazer acontecimento. Se, desde 2019, trabalha-se teatro e ensino de idiomas presencial, ou online, acreditamos que a informação de inscrição e busca ativa dessas pessoas, presentes ou não, nas planilhas dos abrigos deveria acontecer por uma plataforma de fácil acesso para fomentar a formação de novas e mais turmas. Experimentar teatro com pessoas em vulnerabilidade social atenua os efeitos nocivos de um capitalismo cognitivo que atravessa todo o grupo de trabalho.

O capitalismo cognitivo, inventado justamente como saída para a crise provocada pelos movimentos daqueles anos (60-80), apropriou-se da potência de criação que então se emancipava na vida social, para colocá-la, de fato, no poder. Entretanto, sabemos todos que se trata aí de uma operação perversa, cujo objetivo é o de fazer desta potência o principal combustível de sua insaciável hiper máquina de produção e acumulação de capital. É esta força, assim cafetinada, que com uma velocidade exponencial vem transformando o planeta num gigantesco mercado e, seus habitantes, em zumbis hiperativos incluídos ou trapos humanos excluídos: dois pólos entre os quais se perfilam os destinos que lhes são acenados. Tal é o mundo que a imaginação cria em nossa contemporaneidade.

Utilizando alguns métodos que ainda trabalhávamos no modelo presencial, como o alongamento dos grandes músculos, aquecimento do corpo e jogos teatrais, mantivemos exercícios dentro da esfera virtual. Um exemplo teórico-prático que nos auxiliou diretamente na mediação entre o teatro e o ensino de idiomas foram os Jogos Teatrais - O fichário de Viola Spolin (1975). Exercícios que experimentamos em aula e que migramos para o ambiente digital, ou seja, adaptamos o trabalho para a conexão virtual. Com isso, mais histórias, comentários e relatos aparecem em diálogo com o rompimento do padrão, a quebra da linguagem em diálogo com a verdade do que estava acontecendo. A impossibilidade de troca presencial foi driblada pelo *chat* do bate papo virtual. "É que tanto a alquimia quanto o teatro são arte, por assim dizer, virtuais e que carregam em si tanto sua finalidade quanto sua realidade." (ARTAUD, 2006, p. 50) Agora, a oportunidade de diálogo, ampliava-se na sensação de necessidade de partilha. Partilha do presente, do passado e do medo de um futuro muito diferente do que todos do grupo estavam vivendo.

O importante é tomar consciência dessas localizações do pensamento afetivo. Um meio de reconhecimento é o esforço; e os mesmos pontos sobre os quais incide o esforço físico são aqueles sobre os quais incide a emanção do pensamento afetivo. Os mesmos que servem de trampolim para a emanção de um sentimento." (Artaud, 2006, p. 157)

É com este caminhar que Jennifer apresenta uma família venezuelana que batalha para conseguir estabilidade. Os encontros online conseguem ter espaço para diálogos, escuta e improvisações. Exercícios teatrais e pensamentos sobre a aplicação do português em cenas cotidianas. Cenas que, desde a experimentação em aula, reconstituíam compras de pão em uma padaria, pagamento de contas em uma lotérica ou o troco da passagem de ônibus, por exemplo. Uma referência visual do conteúdo migratório

Letras em Revista (ISSN 2318-1788), Teresina, v. 15, n. 02, ago/dez. 2024 69

que mapeia nosso encontro está na obra cartográfica "Amanhecerá e Veremos" (LIMA et al., 2018, p. 395) Em mais uma obra de referência, conseguimos entrar em contato com a relação dos acontecimentos políticos e sociais do país irmão da fronteira Norte do Brasil, através de um menu, ou um mapa mental publicado na internet. Estes dados estão em diálogo com o discurso que os não atores carregam em nossas aulas de teatro e português. Assim, registra-se como documento afetivo as ondas sonoras que embalaram nossas frias manhãs em uma pandemia.

É tentando entender um grupo de saída, atravessado por um momento global, como o fluxo venezuelano (Baeninger, 2020, p.108) que se ratifica o aumento do número de imigrantes na região Sul em diálogo com os acontecimentos políticos e sociais do país de origem das pessoas que buscam abrigo. Dos anos 2000 até 2019, subiu de 04 pessoas para 3.171 o número de registros ativos fixos segundo a Unidade da Federação no Rio Grande do Sul. Apesar dos números, o retrato que opera a vivência da ascensão social ainda é o de olhar para os países habitantes das epistemologias do norte como o modelo ideal a ser seguido. A necessidade de chegar ao topo afasta a vida do agora, que denominamos presente. Explique a situação: pobreza, restrição de recursos, de espaço, de lugares adequados para uma cerimônia.

Cena 3: O jantar.

A mãe: E quando vai ser o batizado?

A irmã: Sim! Quando o senhor pode?

Uma estagiária: Mas o mais importante é vocês poderem.

Um padre: Que maravilha! Um professor. Eu também preciso de aulas de português.

A mãe: Que nada, você fala português melhor que todos aqui. Quanto tempo?

Um padre: 25 anos.

A mãe: A gente tá só há quatro e já acha muito.

Um padre: Bom, eu tenho um conhecido que pode abrir esta igreja, de aqui ao lado, para vocês.

A mãe: Não, não. Mas é bonita como aquela?

A irmã: Claro que é, mãe.

A mãe: Professor, é que eles estão vindo tão de longe. É lá do Canadá, então tem que ser especial.

Uma estagiária: Mas é especial.

Um padre: Vai ser um ritual lindo. Vão estar todos impecáveis. A senhora confia em mim?

A mãe: É claro que confio. O padre mais brasileiro que conheço!

Uma família: (Risadas)

A irmã: Bom, tem [arepas] de pollo, de cerdo, de carne e de perico para os vegetarianos.

A mãe: Pronto. Os homens podem se sentar e comer.

(Homens ao centro, mulheres em pé ou no sofá)

(Mesa, quatro cadeiras, quatro homens, quatro homens comendo)

(Calor e suor)

Um médico: Que delícia.

Um padre: Uma delícia.

O marido da irmã: Elas podiam estar um pouquinho mais temperadas só. Mas já é bem melhor do que daquele lugar, né?

Jeniffer (falando mais alto): Sim, aquele queijo estava duro, frio. Parecia uma hamburguesa de uma hamburgueseria *fast food*.

A estagiária: Mas não é *fast food* venezuelano?

Uma família: (Silêncio)

O namorado: Eu já posso dizer com mais propriedade que sim, é. (risadas)

A mãe: Eu não entendo, é tão bom no Canadá. Eu tenho visado, então vou ver o irmão da Jeniffer sempre. O meu filho é o meu orgulho. Ele conhece o mundo todo, ele já viajou para o mundo todo. Ele tá há muito tempo lá. Ele tá há muito tempo longe da

gente. Ele foi embora há muito tempo, sabe? Ele nos deixou há muito tempo. Ele cansou da vida de lá e foi embora fazer a vida dele em outro lugar. Sozinho. Eu não vi ele por uns quinze anos. A gente ficou sem se ver durante uns quinze anos. Muito antes de tudo isso, muito antes da gente estar aqui agora, sabe?

A mãe: Ele é o meu orgulho. Ele investiu tudo que ele conseguiu na vida dele. Ele nunca precisou mais voltar. Ele não volta há muito tempo. A gente vai pra lá, e lá é lindo. Lá é muito lindo. Lá é muito melhor. Lá tem tudo. Lá tem “harina pan”.

Jennifer: Sai direto da Venezuela pra lá. É muito melhor.

Uma família: Lá é muito melhor.

Um médico: Eu não gosto de lá.

(Retira-se, em silêncio, tudo da mesa após os homens comerem)

O namorado: Eu queria conhecer lá.

A mãe: E, agora, tudo tem que ser perfeito aqui.

Um padre: Vai ser perfeito.

Uma estagiária: Já está sendo perfeito.

Um médico: Eu te levo, professor.

Jennifer: Sim, já está tarde. O senhor pode estar no batizado? Nós convidamos o senhor.

O marido da irmã: Ele vai estar na Amazônia, gente. Como o Di Caprio, sabe? (risadas)

Uma família: (Risadas)

Um médico: Vamos.

Feliz Natal.

Neste fragmento, que encerra a obra, conseguimos visualizar uma oportunidade desse antigo, e ainda vigente, sonho americano. Os países de línguas anglo saxãs, com a ressalva ibero-americana (Portugal e Espanha) possuem o signo da qualidade de vida para muitas pessoas. Criamos através dessa vivência que parte do ao vivo, mas que é impressa de uma maneira singular para cada participante. Ou seja, o som da minha voz, chega no quarto, na cozinha ou no ambiente que o aluno esteja escutando a aula ou durante um ensaio. Se, neste ambiente, há outro aparelho, de televisão, por exemplo, rádio, ou música, competindo, sonoramente, com minha voz, eu não tenho como saber. Esses signos, estes elementos que não estariam presentes, por exemplo, em uma aula presencial também carregam contato. Se estão acompanhando a aula, ou presenciando um ensaio, sozinhos, ou com um namorado, namorada, mãe, pai ou avó. O que também não aconteceria no teatro, ou em uma aula presencial.

III

Diferentemente de como consumimos programas de rádio na internet, *Podcast*, não convidamos para a escuta de “Voz para Cumaná” se estivermos dirigindo, lavando a louça ou fazendo qualquer outra atividade¹⁶. Compreendermos a oportunidade de escutar uma série de audiodrama como a de ver um filme, de assistir uma peça de teatro ou de ler um livro. O som invade, mas é necessário este processo de encantamento com o que estamos propondo. Ou seja, falamos de disponibilidade, assim como Jennifer teve de chegar até o RS. O contato físico foi o primeiro a ser rompido durante a pandemia de Covid-19. Em março de 2020 conhecemos a expressão *lockdown* como fechamento de fronteiras, fim da circulação de pessoas e de contato com outros seres. Meses antes deste acontecimento, iniciamos as aulas com

¹⁶ O autor articula maiores pensamentos sobre audiodrama e podcast a partir de entrevista concedida ao jornal Nonana. Maiores informações disponíveis em <https://www.nonada.com.br/2021/09/audiodrama-ecoa-vozes-venezuelanas-para-contar-a-vida-dos-imigrantes-em-porto-alegre/>

perspectivas que também traziam um espaço de não contato. Ou seja, uma certa resistência de cidadãos imigrantes que continham uma melhor condição financeira perante os demais colegas. Esta batalha de classes, principalmente, atrelada a uma moralidade de necessitarmos, no mundo adulto, verificar se o outro está melhor que nós nos *stories* do dia a dia. É no contato, na oportunidade de usar o teatro como um espaço que retira as armaduras sociais para podermos nos integrar com o meio, conosco. Ou seja, é no que entendemos como convívio que vamos superar as diferenças. A criação de plateia¹⁷, pensando a formação de espectadores¹⁸ em expansão. O contato com a arte, mesmo em meio a um ambiente hostil, faz com que floresça a resposta do corpo aos danos ao nosso “corpo vibrátil” (ROLNIK, 2007). Corpo que opera no inverso da retração, retração cognitiva, operada pelo avanço do capitalismo cognitivo e o apagamento cultural visto ao longo da colonização de nosso país, por exemplo. Estes danos, estes amassamentos ou violências silenciosas e cotidianas que o mundo opera nos sujeitos, é resultado de uma desigualdade social que pode encontrar nos teatros do real¹⁹ uma oportunidade de se comunicar.

Se o movimento para um novo espetáculo, chamado de “A Conquista do México” - do Teatro da Peste, acredita em um pensamento decolonial, Antonin Artaud pensa o fazer teatral dialogando com o pensamento do agenciamento afetivo, visto nas obras de Félix Guattari e Suely Rolnik (2007). No contexto do agenciamento e da “simpatia” como sensibilidade pedagógica, surge o embate entre a ciência moderna e a cartografia, que busca desenhar a rede de forças em jogo na criação artística. Segundo Rolnik (2007, p.23), é necessário “dar língua para afetos que pedem passagem”, isto é, proporcionar um espaço de expressão para os afetos que estão em busca de manifestação. Nesse sentido, é importante considerar não apenas o processamento dos dados, mas também a processualidade subjacente, reconhecendo a dinamicidade do fenômeno estudado. Assim, tanto a produção quanto a coleta de dados devem ser abordadas de forma conjunta, valorizando a interação entre elas. Ao começar pelo meio, é possível ser afetado por aquilo que nos afeta, permitindo a emergência de intensidades que buscam expressão. Pensar o que os autores alcunham de “crise do capitalismo cognitivo” é acreditar que podemos lutar contra os avanços destes males. Males que matam, que ferem os direitos humanos, como todas as notícias que vimos, desde o ano de 2018, da recepção ao povo venezuelano na cidade de Boa Vista, com as famosas imagens da expulsão de grupos em massa. Males que não permitem trânsito. Não permitem mobilidade. “No teatro, doravante, poesia e ciência devem identificar-se. Toda emoção tem bases orgânicas. É cultivando sua emoção em seu corpo que o ator recarrega sua densidade voltaica.” (ARTAUD, 2006, p. 172) Eis a oportunidade de mediar o que acontece em ruas, becos e vielas não tão conectados com o *feed* de nossa vida. Tentar aproximar novas pessoas de novas narrativas também fomenta a formação de novos públicos. Novas pessoas interessadas em temas cabais na luta contra a desigualdade. Se a trajetória dos envolvidos no audiodrama cruzaram-se, desde a chegada do Brasil, durante a aula e durante uma pandemia, é necessário criar o espaço de escuta para estes novos públicos. Mais pessoas próximas à arte. A arte acolhe, a educação transforma, me transforma. O grupo se transforma ao passo que os efeitos nocivos que atravessaram, em diferentes perspectivas, podem ser atenuadas a partir da troca, da conexão, da alteridade.

¹⁷ Platéia como ser em contato com arte e todas as transformações implicadas na questão. (N/A)

¹⁸ A escola de espectadores é uma oportunidade criada pelo teatrólogo argentino Jorge Dubatti de encontrar pessoas interessadas em fomentar o pensamento crítico e filosófico para uma formação de plateia plural, horizontal, igualitária e qualitativa. (N/A)

¹⁹ A pesquisadora Beatrice Picon-Vallin investigou os chamados “Teatros do Real”, que se dedicam a explorar a relação entre a realidade e a ficção no contexto teatral. Picon-Vallin sustenta que esses teatros surgem quando artistas utilizam pessoas reais e situações autênticas como base para suas criações cênicas. Ao utilizar a realidade como matéria-prima teatral, os Teatros do Real propõem uma abordagem que pode transcender e fazer refletir sobre os limites da estética e da ética.

A possibilidade de encararmos o mundo como ele se apresenta, une pessoas em prol da criatividade, da troca, da experiência e do aprendizado pela sensibilidade pedagógica. É um diálogo que resgata identidades e autoestimas. "No ponto de desgaste a que chegou nossa sensibilidade, certamente precisamos, antes de mais nada, de um teatro que nos desperte: nervos e coração." (ARTAUD, 2006, p. 93) Quando o cenário xenofóbico faz com que irmãos brasileiros criem uma visão homogênea de irmãos venezuelanos, a resposta para este "ente" está na pluralidade de vozes. Vozes Venezuelanas. Manifestar um Teatro que mude o que assistimos no mundo é também apresentar Jennifer. Com seus acertos, seus erros, suas felicidades e seus medos. Apresentamos mais uma pessoa vinda da Venezuela, talvez, com problemas menos urgentes que seus compatriotas, ou que Maria, por exemplo. Mas, presenciando os reflexos dessa visão deturpada de tempos em que todos buscam uma narrativa uníssona para acreditar. Se, para Artaud, a proposta de um novo teatro, tem a perspectiva de mudar a forma como a sociedade ocidental via o mundo, a nossa, é de escutar o mundo. Novas vozes, com novas velhas histórias. A frustração da decadência econômica de um país que obriga a saída e percorre todas as classes sociais. É evidente que o caso de nossa protagonista não está no estômago, mas é pelo nosso processo de criação aproximar-se da angústia, do medo e da incerta vida pestilenta que a dramaturgia aprende com o processo cruel do manifesto artaudiano. Vivendo na tecnologia a mesma necessidade de produzirmos conteúdos. De consumirmos conteúdo. O mundo pede que o afeto seja digital. O imaginário deste fluxo angustiante de sensações baseadas na adrenalina ansiosa que o planeta atravessou por todos os cenários já expostos, acarreta a aproximação de um processo criativo pelo impulso criativo carregado de incertezas, mas de coragem para expandir, de migrar.

Referências

- Adelante - A luta das venezuelanas refugiadas no Brasil*. Filme Documentário: Luiza Trindade (direção). Projeto Celina; jornal O Globo e ONG PARES Cáritas. Rio de Janeiro - RJ, 2022
- ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAENINGER, Rosana. et al. *Migrações Venezuelanas*. Campinas, SP: NEPO/UNICAMP, 2018.
- BAENINGER, Rosana; DEMÉTRIO, Natália; DOMENICONI, Joice (Coord.). *Atlas Temático: Observatório das Migrações em São Paulo – Migrações Venezuelanas*. Campinas, SP: NEPO/UNICAMP, 2020
- BBC News Mundo. *Como era a 'Venezuela saudita', um dos países mais ricos dos anos 50 e 80*. Diego Prado para a BBC News Brasil. São Paulo - SP. 02 março de 2019.
- CABRAL, Beatriz. *Pedagogia do Teatro e Teatro como Pedagogia*. IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. GT: Pedagogia do Teatro e Teatro na Educação. Campinas - SP. 2015. Disponível em <http://portalabrace.org/ivreuniao/GTs/Pedagogia/Pedagogia%20do%20Teatro%20e%20Teatro%20como%20Pedagogia%20-%20Beatriz%20Cabral%20Biange.pdf>
- DUBATTI, Jorge. Experiência teatral, experiência tecnovivial: nem identidade, nem campeonato, nem superação evolucionista, nem destruição, nem vínculos simétricos. *Rebento*, São Paulo, no. 14, Jan-Jun 2021, p.. Disponível em: <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/609>. Acesso em: junho de 2023
- DUBATTI, Jorge. *Filosofia del Teatro I: convivio, experiencia, subjetividad*. Buenos Aires: Atuel, 2007.
- DUMOULIÉ, Camille. Antonin Artaud e o Teatro da Crueldade. *Revista de Lettres Françaises*. n° 11, ano 1, 2010. pp. 63-74.

MAX, CHICO. *La jornada - a resiliência do povo venezuelano em busca de refúgio no brasil*. Livro: Migrações Venezuelanas. Rosana Baeninger (org.) Campinas, SP: NEPO/UNICAMP, 2018. p.13-15

DANAN, Joseph. *O que é a dramaturgia?* 2. ed. Évora: Editora Licorne, 2010.

FONTOURA MOTTA, G. & Massa, C. “Série de Audiodrama ‘Voz para Cumaná: a construção de uma dramaturgia a partir do testemunho de venezuelanos refugiados no Sul do Brasil’”. “#03 Noite de Arepas”. 2020.

FONTOURA MOTTA, G.; FRANKL SPERBER, S. A transcrição e a logoterapia na dramaturgia com venezuelanos refugiados: a transcrição como busca de sentido: Análise, a partir do olhar da logoterapia de Viktor E. Frankl, em uma dramaturgia construída a partir do testemunho de venezuelanos refugiados no Sul do Brasil. Manzuá: *Revista de Pesquisa em Artes Cênicas*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 24, 2022. DOI: 10.21680/2595-4024.2022v5n1ID28117.

FONTOURA MOTTA, Gabriel; MASSA, Clóvis. Porto Alegre, *Audiodrama ecoa vozes venezuelanas para contar a vida dos imigrantes em Porto Alegre*. [Entrevista concedida a] Ester Caetano. *Nonada Jornalismo*. Processos Criativos. 02 de setembro de 2021.

LIMA, Daniel; LIMA, Élide; TEIXEIRA, Felipe. Cartografia amanhecerá e veremos. In: BAENINGER, Rosana (org.) *Migrações Venezuelanas*. Campinas, SP: NEPO/UNICAMP, 2018. p.395-399

OLIVEIRA, Talita. *PODE ENTRAR - Livro para estudantes. Português do brasil para refugiadas e refugiados*. 1º edição. Curso Popular Mafalda. São Paulo - SP, 2015

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SARMENTO, Gilmar; RODRIGUES, Francilene. *Entre a acolhida e o rechaço: breves notas sobre a violência e os paradoxos da migração venezuelana para o Brasil*. In: BAENINGER, Rosana (org.) *Migrações Venezuelanas*. Campinas, SP: NEPO/UNICAMP, 2018. p.242-249

SPERBER, Suzi Frankl. *Ficção e Razão. Uma retomada das formas simples*. São Paulo: Hucitec-Fapesp, 2009.

SPERBER, Suzi Frankl. *Efabulação e Pulsão de Ficção*. 2009. Disponível para acesso em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/download/8636168/3877/5831>

SPOLIN, V. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin* Tradução: Ingrid Koudela. S.P.: Perspectiva, 2001.

VON ZUBEN, Catarina; FLEURY, Ronaldo; DE CARVALHO, Ulisses. Inserção social e qualificação profissional de imigrantes como forma de combate ao trabalho escravo e tráfico de pessoas. In: BAENINGER, Rosana (org.) *Migrações Venezuelanas*. Campinas, SP: NEPO/UNICAMP, 2018. p.101-103.

Gabriel Fontoura Motta

Mestrando no Programa de Pós-Graduação Artes da Cena (CAPES, PPGAC) (UNICAMP). Licenciado com graduação em Teatro (UFRGS). Autor da série de audiodrama *Voz para Cumaná*, publicada na Mostra Estudantil do 28º Porto Alegre em Cena e indicada a Melhor Podcast Nacional na programação oficial do Rio Web Fest 2021. E-mail g221041@dac.unicamp.br

Suzi Frankl Sperber

Atualmente é professora titular e professora colaboradora da Universidade Estadual de Campinas, foi coordenadora do NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISAS Teatrais - LUME, do conselho editorial de: Ilinx - Revista do Lume, - Mafuá (Florianópolis), do conselho editorial da Revista ABP - Afrika Asien Brasilien. Credenciada como docente e

orientadora no Instituto de Estudos da Linguagem (Departamento de Teoria Literária) e no Instituto de Artes (Departamento de Artes Cênicas) - UNICAMP. E-mail: sperbersuzi@hotmail.com

Recebido em 20/06/2023.

Aceito em 30/09/2023.